



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8596 - Pôster - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**ALUNOS/AS DEFICIENTES VISUAIS NA ESCOLA: SIGNIFICAÇÕES DE CORPO, GÊNERO E DE SEXUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR**

Regiany Alves Carvalho - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

**ALUNOS/AS DEFICIENTES VISUAIS NA ESCOLA: SIGNIFICAÇÕES DE CORPO, GÊNERO E DE SEXUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR**

### **INTRODUÇÃO DO PROBLEMA**

A educação para a sexualidade está inclusa no currículo escolar, e, frequentemente vista pelos professores como um tema muito afilitivo a se orientar. Para Sabat (2003), “A Educação compreendida de maneira ampla, é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual”. (p.149)

A escola é um ambiente em que independentemente de abordar a educação da sexualidade em seu currículo, transmite conhecimentos relacionados a cultura e normas da sociedade, a sexualidade é, portanto, construída historicamente (FOUCAULT, 1988). Assim a escola assume o papel ou não de dialogar fatos vivenciados e questionados por seus sujeitos ali inclusos. Lamentavelmente a escola ocupou um lugar de vigilantes da educação sexual de seus alunos, onde usam métodos em prol de uma educação que siga os padrões da heteronormatividade.

Na preocupação da escola encontra se discursos homogeneizador, entende se que tudo que foge do padrão imposto pela sociedade deve ser corrigido. Segundo Louro (2001) “A escola está absolutamente empenhada em garantir que os seus meninos e meninas se tornem homens e mulheres”. (p.49)

Neste sentido, entendemos que a inclusão social e a diversidade também deve atrelar a dimensão da sexualidade e do gênero. Contudo, se falar sobre sexualidade, corpo e gênero com pessoas sem nenhum aparente comprometimento físico, intelectual ou sensorial, é uma atitude ainda vista com certo receio e dificuldades, o que se dirá em falar sobre essas temáticas com pessoas com alguma deficiência? Como será essa experiência para os jovens portadores de deficiência visual que, além de adolecer, precisam enfrentar preconceitos e estigmas? Como será que jovens, portadores de deficiência auditiva, percebem sua sexualidade? (MOURA; PEDRO, 2006).

## DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do estudo justifica-se pela necessidade de ampliar os debates atuais acerca da questão da sexualidade no campo do deficiente visual. Reconhecemos que o deficiente visual são sujeitos pertencente a uma minoria, que merece e necessita de um espaço educacional que respeite essas diferenças, proporcionando condições de leitura e compreensão de um mundo que é, também, generificado e sexualizado.

Para iniciar a investigação, pretende-se refletir sobre as questões da pesquisa a partir do seguinte questionamento: como alunos deficientes visuais compreendem as questões de corpo, de gênero e da sexualidade? Como os professores de ciências e biologia incluem questões do corpo, de gênero e da sexualidade com a inclusão dos alunos deficientes visuais?

A opção pela abordagem qualitativa se dá pela compreensão de que esta compreende o fenômeno social de maneira contextualizada, em seu processo e entre vivências pessoais (DENZIN, 2006). Além disso, opção pelo trabalho com a metodologia aqui descrita está atrelada a compreensão de que os significados, atribuídos pelos alunos/as deficientes visuais, de Corpo, Gênero e Sexualidade são produções, de um grupo social, atravessadas por relações de poder e significadas culturalmente.

Em seguida serão elaboradas entrevistas com os alunos cegos ou de baixa visão, onde a entrevista terá como propósito entender e conhecer dificuldades e perspectivas em relação ao ensino da educação sexual. A entrevista consiste em outro processo importante para a construção dos dados específicos da vivência das pessoas sobre o tema estudado, destacando os aspectos objetivos e subjetivos, como valores, atitudes e opiniões. A entrevista permitirá que os/as participantes da pesquisa manifestem-se em sua própria linguagem sobre o tema da investigação (BOGDAN; BIKLEN, 1997).

Utilizaremos o grupo focal, como uma estratégia para aprofundar as discussões realizadas no decorrer das entrevistas a ser realizado com os alunos e também com os professores de ciências e biologia. Esse se caracteriza como uma técnica de pesquisa qualitativa, muito utilizada quando se tem como objetivo conhecer “representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum” (GATTI, 2005, p. 11). Para o desenvolvimento desse grupo, reúne-se um grupo de pessoas que partilham algumas características em comum, com o propósito de discutir sobre um determinado tema (DAL’IGNA, 2012).

## CONCLUSÕES

Os resultados da pesquisa podem enriquecer a produção de conhecimento e materiais no campo dos estudos de corpo, gênero, sexualidade e educação, com especial enfoque para a formação de professores e o ensino de Ciências e Biologia da rede básica de educação.

## REFERÊNCIAS

SABAT,R.Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO,G; NECKEL, J. F; GOELLNER,S.V (Org). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.p. 149-159.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza

Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. Os anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOURA, G. R.; PEDRO, E. N. R. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, n.14, v.2, mar-abr, 2006, p. 220-226.

DENZIN, N. O planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

SABAT,R.Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO,G; NECKEL, J. F; GOELLNER,S.V (Org). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.p. 149-159.